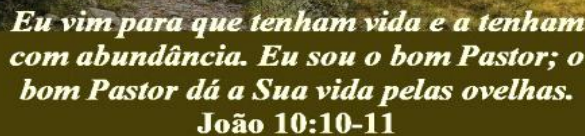


62º Dia Mundial de Oração pelas Vocações



Viver a Palavra

O **IV Domingo do Tempo Pascal** coloca no nosso horizonte a imagem bucólica do pastor: **Jesus o Bom, Belo e Verdadeiro Pastor**. Jesus é Aquele que cuida de nós com o desvelo e o cuidado de quem ama, alimenta e protege. Em terras montanhosas, onde as ovelhas e os pastores são abundantes, Jesus utiliza esta imagem para ajudar os seus ouvintes a compreender o modo como Deus se relaciona connosco, mas também para nos desafiar a viver de um modo novo as relações entre nós.

O Evangelho deste Domingo possui tanto de profundo e sublime, quanto de curto e incisivo. A meditação deste texto exige que nos detenhamos nos verbos presentes nesta passagem evangélica para descobrir quais as atitudes de Cristo que fazem Dele o Verdadeiro e Belo Pastor e quais as atitudes que caracterizam aqueles e aquelas que guiados por Ele são pertença deste rebanho que Ele quer conduzir ao coração de Deus.

«*Eu conheço as minhas ovelhas!*». Jesus conhece cada um de nós pelo nome. Jesus conhece cada um de nós e ama-nos com um amor eterno. Por isso, Ele não cessa de velar por nós e, por isso, nos protege: «*Ninguém as arrebatará da minha mão!*». Jesus não se limita a dar-nos qualquer coisa, nem tampouco aquilo que não lhe faz falta, Ele oferece-nos uma vida cheia de sentido e que nos projeta para a eternidade: «*Eu dou-lhes a vida eterna!*». Jesus quer oferecer uma vida plena e que tem sabor de eternidade e, para isso, oferece-se a si mesmo, ensinando-nos a arte de amar até à entrega de nós mesmos.

Estes traços de Jesus, Bom e Belo Pastor, que ama, protege, conhece e oferece uma vida nova caracterizam todo o Seu ser e agir e permitem-nos conhecer o rosto misericordioso do Pai, que Ele veio revelar. Somos amados por Deus, protegidos e amparados pelo Seu amor, salvos e redimidos pela Sua entrega e, por isso, somos convidados a configurar a nossa vida pela contemplação deste amor.

Jesus afirma: «*as minhas ovelhas escutam a minha voz. Eu conheço as minhas ovelhas e elas seguem-Me*». Escuta e seguimento são duas atitudes fundamentais que devem caracterizar a vida de todos os batizados. Configurados com Cristo pelo Batismo, reconhecendo Nele o Bom, Belo e Verdadeiro Pastor, queremos ser verdadeiros discípulos missionários acolhendo a Sua voz de amor e seguindo o caminho que Ele nos aponta.

Também a nós hoje, o Senhor nos diz como disse a Paulo e Barnabé: «*Fiz de ti a luz das nações, para levares a salvação até aos confins da terra!*». Mas quais são os confins da terra onde somos desafiados a levar a Boa Nova da salvação? Na geografia de Paulo e Barnabé eram Roma, a Península Hispânica! Hoje os confins da terra são muitas vezes o nosso lugar de trabalho, a nossa casa, os nossos vizinhos: são os lugares que precisam de nós e de uma presença nova e transfiguradora. Estes confins da terra são as periferias existenciais que nos refere tantas vezes o Papa Francisco.

Sair de nós próprios e do nosso comodismo para ir ao encontro do outro, é assumir a coragem acolher os sonhos de Deus e ser testemunhas de um Deus que não cessa de chamar cada homem e cada mulher para o seguir. Celebramos neste Domingo o 62.º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, por isso, de olhos fixos em Jesus, o Bom Pastor, somos chamados a colocar em Jesus as nossas vidas e a comunicar a todos e, de modo especial, aos mais jovens, a alegria de seguir Jesus, descobrindo o projeto de amor e felicidade que Ele tem para cada um de nós. *in Dehonianos*

+++++

No IV Domingo da Páscoa celebra-se o 62.º Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Abaixo fica a Mensagem deixada pelo Papa Francisco para este Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Para este ano, o Papa Francisco escreveu uma mensagem intitulada «Peregrinos de esperança: o dom da vida». A Comissão Episcopal Vocações e Ministérios preparou vários recursos para a dinamização desta semana e que serão bastante úteis para fazer desta semana uma oportunidade de comunicar a alegria de um Deus que ama e, por

isso, chama cada homem e cada mulher a colaborar nas várias vocações e ministérios ao serviço da missão da Igreja. Estes materiais estão disponíveis na página de internet da Comissão Episcopal Vocações e Ministérios (<http://www.ecclesia.pt/cevm/>). Cada comunidade fará desta semana uma oportunidade para uma verdadeira dinamização vocacional, sobretudo junto dos mais jovens. *In Voz Portucalense com adaptação.*

+++++

A **caminho do Pentecostes**, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -, acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Atos dos Apóstolos 13,14.43-52

Naqueles dias,

Paulo e Barnabé seguiram de Perga até Antioquia da Pisídia.

A um sábado, entraram na sinagoga e sentaram-se.

Terminada a reunião da sinagoga,
muitos judeus e prosélitos piedosos
seguiram Paulo e Barnabé,

que nas suas conversas com eles
os exortavam a perseverar na graça de Deus.

No sábado seguinte,
reuniu-se quase toda a cidade para ouvir a palavra do Senhor.

Ao verem a multidão, os judeus encheram-se de inveja
e responderam com blasfémias.

Corajosamente, Paulo e Barnabé declararam:

«Era a vós
que devia ser anunciada primeiro a palavra de Deus.

Uma vez, porém, que a rejeitais
e não vos julgais dignos da vida eterna,
voltamo-nos para os gentios,
pois assim nos mandou o Senhor:
'Fiz de ti a luz das nações,
para lebares a salvação até aos confins da terra'».

Ao ouvirem estas palavras,
os gentios encheram-se de alegria
e glorificavam a palavra do Senhor.
Todos os que estavam destinados à vida eterna
abraçaram a fé
e a palavra do Senhor divulgava-se por toda a região.
Mas os judeus,
instigando algumas senhoras piedosas mais distintas
e os homens principais da cidade,
desencadearam uma perseguição contra Paulo e Barnabé
e expulsaram-nos do seu território.

Estes, sacudindo contra eles o pó dos seus pés,
seguiram para Icónio.

Entretanto, os discípulos
estavam cheios de alegria e do Espírito Santo.

CONTEXTO

No livro dos Atos dos Apóstolos, Lucas centra a sua reflexão no “tempo da Igreja”: o “tempo” em que a proposta da salvação de Deus era apresentada ao mundo pelos discípulos de Jesus, animados e orientados pelo Espírito.

Nas primeiras páginas do livro dos Atos (cf. At 1,12-6,7), o olhar de Lucas detém-se sobre a comunidade cristã de Jerusalém e sobre o testemunho que os cristãos dessa cidade dão diante dos seus concidadãos. Depois, com a morte de Estevão e as dificuldades cada vez maiores que os cristãos de Jerusalém encontravam para testemunhar a sua fé, a comunidade dispersou-se pela Samaria e pelas regiões vizinhas, fazendo com que o Evangelho chegasse a outras paragens (cf. At 6,8-12,25).

A partir daqui, rapidamente o anúncio cristão ultrapassou as fronteiras palestinas e começou a chegar ao mundo greco-romano. O grande “responsável” por essa maravilhosa gesta foi um cristão de origem judaica, chamado Paulo. Nascido em Tarso (cf. At 21,39), na região da Cilícia (atual Turquia), Paulo era filho de judeus, da tribo de Benjamim (cf. Rm 11,1; Flp 3,5). Foi educado em Jerusalém e teve como mestre Gamaliel (cf. At 22,3), um famoso mestre judeu que ensinou em Jerusalém entre os anos 20 e 50. Paulo, judeu convicto, depois de perseguir os cristãos de Jerusalém, encontrou-se com Jesus, quando ia para Damasco para prender os cristãos dessa cidade. A sua vida mudou totalmente, depois desse encontro. Convertido a Jesus, Paulo foi para Jerusalém e daí, a convite de Barnabé, foi para Antioquia da Síria, onde existia uma numerosa comunidade cristã.

A grande aventura missionária de Paulo começa por volta do ano 46, quando a comunidade cristã de Antioquia da Síria, ansiosa por fazer chegar mais longe a Boa Nova de Jesus, decidiu enviar dois missionários (Barnabé e Paulo) a evangelizar. Entre 13,1 e 15,35, o autor dos “Atos” descreve o “envio” dos missionários, a viagem, a evangelização de Chipre e da Ásia Menor (Perga, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra, Derbe) e os problemas colocados à jovem Igreja pela entrada maciça de gentios.

O texto que a liturgia deste quarto domingo pascal nos propõe como primeira leitura refere-se a um episódio da primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé. Chegados a Antioquia da Pisídia, uma cidade situada no interior da Ásia Menor, os dois apóstolos dirigem-se à comunidade judaica reunida na sinagoga. Convidado a falar, Paulo pronunciou um longo discurso no qual apresentou aos judeus ali reunidos a proposta de Jesus (cf. At 13,16-41). As suas palavras surpreenderam toda a gente; e os presentes pediram-lhe que, no sábado seguinte, voltasse à sinagoga para continuar a explicar o anúncio que trazia. O nosso texto refere a chegada de Paulo e Barnabé à cidade (vers. 14) e a reação ao discurso de Paulo naquele primeiro sábado (vers. 43). Descreve depois a reação dos judeus quando Paulo e Barnabé se apresentaram novamente na sinagoga no sábado seguinte (vers. 44-52). *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Os líderes da comunidade judaica de Antioquia da Pisídia, apesar da sua história e da sua tradição religiosa, manifestaram total indisponibilidade para se deixar interpelar por Deus. Comodamente instalados atrás das suas verdades imutáveis, presos às suas leis e tradições, agarrados ao seu orgulho e autossuficiência, convencidos das suas prerrogativas como “povo eleito”, acharam que já tinham a salvação assegurada. Quando Deus lhes apareceu no caminho para lhes apresentar novos desafios e para lhes propor mudanças, não reconheceram a sua voz. Tornaram-se surdos às indicações de Deus. Nós, crentes do séc. XXI, não estamos livres de cair em algo semelhante: instalados uma fé “morna” e pouco exigente, embalados por uma religião feita de ritos externos e de fórmulas que não mudam nada na nossa vida de todos os dias, paralisados pelo receio de pormos em causa o nosso conforto e a nossa segurança, vamos perdendo a capacidade de ouvir Deus. E quando Deus nos “visita”, ignoramos os seus apelos e indicações, pois não queremos mudar, converter o nosso coração, arriscar caminhos novos. Isto nunca se passou connosco? Como reagimos aos apelos que Deus faz à conversão, a um compromisso mais sério, a uma vida mais coerente com o Evangelho?
- Os “pagãos” de que se fala nesta leitura estão totalmente disponíveis para acolher a salvação. São pessoas sedentas de Deus, que buscam uma vida mais autêntica e que aceitam o desafio de caminhar atrás de Jesus. De alguma forma representam todos aqueles que se sentem profundamente gratos pelo amor e pela misericórdia de Deus, os que estão dispostos a abraçar com todas as suas forças os desafios que Deus lhes apresenta. Também representam aqueles que, mesmo tendo uma história pessoal complicada e uma caminhada de fé nem sempre exemplar, estão abertos à novidade de Deus e se deixam questionar por Ele. Representam ainda os que não têm medo de se desinstalar, de arriscar partir para uma vida nova, de percorrer caminhos exigentes, de seguir Jesus no seu percurso de amor e de entrega, mesmo que isso implique a cruz e o dom da vida. Sentimo-nos disponíveis para abraçar a eterna novidade de Deus que nos espreita em cada curva da estrada da vida? Aceitamos viver numa dinâmica de conversão nunca terminada? Estamos dispostos a deixar que em cada “hoje” Deus re programe a nossa vida conforme o seu projeto?
- Paulo e Barnabé, expulsos da cidade por causa do seu testemunho sobre Jesus, não amuaram nem se deixaram abater pelo desânimo. Estavam convencidos que que traziam em mãos um tesouro do qual não podiam desistir. “Sacudindo o pó dos seus pés” contra aqueles que os rejeitavam, foram imediatamente levar o Evangelho a outras gentes, a pessoas disponíveis para acolher o projeto de Jesus. Como lidamos com as dificuldades, as incompreensões, as rejeições que encontramos

quando damos testemunho de Jesus? Desistimos, ou renovamos a nossa decisão de sermos arautos de Jesus e da proposta de salvação que Ele veio trazer a todos os homens e mulheres? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 99 (100)

Refrão 1:

**Nós somos o povo de Deus,
somos as ovelhas do seu rebanho.**

Refrão 2:

**Nós somos o povo do Senhor;
Ele é o nosso alimento.**

Refrão 3: Aleluia.

**Aclamai o Senhor, terra inteira,
servi o Senhor com alegria,
vinde a Ele com cânticos de júbilo.**

**Sabei que o Senhor é Deus,
Ele nos fez, a Ele pertencemos,
somos o seu povo, as ovelhas do seu rebanho.
O Senhor é bom,
eterna é a sua misericórdia,
a sua fidelidade estende-se de geração em geração.**

LEITURA II – Apocalipse 7,9.14b-17

**Eu, João, vi uma multidão imensa,
que ninguém podia contar,
de todas as nações, tribos, povos e línguas.
Estavam de pé, diante do trono e na presença do Cordeiro,
vestidos com túnicas brancas e de palmas na mão.
Um dos Anciãos tomou a palavra para me dizer:
«Estes são os que vieram da grande tribulação,
os que lavaram as túnicas
e as branquearam no sangue do Cordeiro.
Por isso estão diante do trono de Deus,
servindo-O dia e noite no seu templo.
Aquele que está sentado no trono
abrigá-los-á na sua tenda.
Nunca mais terão fome nem sede,
nem o sol ou o vento ardente cairão sobre eles.
O Cordeiro, que está no meio do trono, será o seu pastor
e os conduzirá às fontes da água viva.
E Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos».**

CONTEXTO

Nos últimos anos do séc. I, as comunidades cristãs da Ásia menor viviam numa situação bastante precária. As heresias – como a dos nicolaítas (cf. Ap 2,6.15) – traziam essas comunidades em sobressalto e criavam um clima de confusão generalizada; por outro lado, a perseguição ordenada pelo imperador Domiciano traduzia-se diariamente num grande sofrimento para as comunidades cristãs espelhadas pelos territórios do império romano. na prisão e na morte de um grande número de cristãos.

Neste contexto, um tal João, exilado na ilha de Patmos por causa da sua fé (cf. Ap 1,9), entendeu escrever um livro que ajudasse os seus irmãos a enfrentar as dificuldades internas e externas que os faziam sofrer tão duramente. Esse livro apresentava, antes de mais, um convite à conversão e a um empenho renovado na vivência fiel do Evangelho (cf. Ap 2,1-3,22); propunha, também, uma leitura profética da história, garantindo aos cristãos perseguidos a vitória final de Deus e dos “santos” sobre as forças do mal (cf. Ap 4,1-22,5). Os crentes que todos os dias enfrentavam as dificuldades do caminho cristão recebiam, deste modo, uma mensagem de alento e de esperança. O autor do livro escolheu um género literário especial, que privilegia a utilização de símbolos e

imagens para expor a mensagem. Essa mensagem, perceptível para os crentes, tornava-se praticamente incompreensível para os perseguidores.

O texto que a liturgia deste quarto domingo pascal nos propõe como segunda leitura, pertence à segunda parte do livro. Integra uma visão em que “o Cordeiro” (Jesus) revela a todos os seres criados, reunidos à volta de Deus, o conteúdo de um livro onde estão os segredos da história humana. Esse livro está fechado com sete selos. À medida que os selos vão sendo abertos, vai ficando patente a todos os presentes a realidade do mundo. A abertura do primeiro selo mostra um cavaleiro branco, que é Cristo vitorioso, continuamente em combate contra tudo aquilo que escraviza e destrói o mundo e os filhos de Deus; a abertura do segundo selo mostra a presença de um cavaleiro vermelho, símbolo da guerra e da violência que atordoam o mundo; a abertura do terceiro selo traz um cavaleiro negro, símbolo da fome e da miséria; a abertura do quarto selo revela um cavaleiro esverdeado, símbolo da morte, da doença e da decomposição; a abertura do quinto selo mostra os mártires que sofrem perseguição por causa da sua fé e que imploram a Deus por justiça; a abertura do sexto selo anuncia o “grande dia da ira” de Deus e a intervenção final de Deus na história para destruir o mal que oprime os seus filhos; a abertura do sétimo selo mostra o combate em que as forças de Deus derrotarão definitivamente as forças do mal. Em concreto, a nossa leitura situa-nos no contexto do sexto selo, aquele que anuncia o “dia do Senhor” (cf. Ap 6,12-7,17). Aos mártires que clamam por justiça, o autor do “Apocalipse” descreve o que vai resultar da intervenção de Deus: a libertação definitiva, a vida em plenitude. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Muitos homens e mulheres passam pela vida perante a indiferença de toda a gente. Ignorados e desprezados, vivem humildemente e os seus nomes não ficam registados nos livros que contam a história dos povos. As suas vidas terão feito sentido, ou terão fracassado? Deus conhece os seus nomes, os seus padecimentos, os seus sonhos, as suas obras, os seus corações? João, o profeta de Patmos, fala-nos de um “livro” onde Deus tem registada a história do mundo. Nesse livro estão os nomes, os rostos de todos os homens e mulheres, mesmo aqueles que, aparentemente, passaram ao lado da vida. As suas vidas não foram perdidas, pois Deus conhece-os e tomou nota de tudo aquilo que passaram. Quando, depois das suas vidas sofridas, se apresentarem diante de Deus, Deus “enxugar-lhes-á todas as lágrimas” e oferecer-lhes-á vida em abundância. Todos os filhos e filhas de Deus estão registados no livro da vida, mesmo os mais humildes, os mais pobres, os que nunca têm voz, aqueles que não entram na contabilidade da história que os homens escrevem, aqueles que o mundo despreza e deixa abandonados na berma da estrada da vida. Sabemos que constamos do livro de Deus, mesmo que os homens com quem nos cruzamos não nos conheçam, não reparem em nós, nos tratem com desprezo, apaguem qualquer sinal da nossa passagem pelo mundo?
- No final do séc. I os cristãos sofriam duramente pela sua fidelidade a Jesus e ao Evangelho. O mundo não os compreendia e o imperador Domiciano queria eliminá-los da face da terra. Hoje, vinte séculos depois, no tempo da liberdade e dos direitos humanos, muitos cristãos continuam a sofrer todos os dias por causa da sua fé e do testemunho que insistem em dar. Algumas vezes a incompreensão que o mundo lhes dedica traduz-se em derramamento de sangue; outras vezes em escárnio, troça, ridicularização, discriminação, indiferença. O quadro de uma imensa multidão de mártires “vestidos com túnicas brancas e de palmas nas mãos”, que “lavaram as túnicas e as branquearam no sangue do Cordeiro”, que se apresentam vitoriosos diante de Deus e que serão conduzidos pelo Cordeiro “às fontes de água-viva”, constitui, para todos os discípulos de Jesus, uma fonte de consolação e de esperança. Nenhum poder do mundo afastará da vida eterna aqueles que vivem na fidelidade a Jesus e ao seu Evangelho. No final, quando se fizerem as contas da história, eles estarão ao lado de Deus e participarão da vitória de Deus. Esta certeza que a Palavra de Deus deste domingo nos deixa é para nós fonte de alento e de encorajamento no difícil caminho que percorremos todos os dias? *in Dehonianos*.

EVANGELHO – João 10,27-30

Naquele tempo, disse Jesus:

«As minhas ovelhas escutam a minha voz.

Eu conheço

as minhas ovelhas e elas seguem-Me.

Eu dou-lhes a vida eterna e nunca hão de perecer e ninguém as arrebatará da minha mão.

Meu Pai, que Mas deu, é maior do que todos e ninguém pode arrebatá-los da mão do Pai.

Eu e o Pai somos um só».

CONTEXTO

O capítulo 10 do 4º Evangelho é dedicado à catequese do “Bom Pastor”. O autor utiliza esta imagem para propor uma catequese sobre a missão de Jesus: a obra do “Messias” consiste em conduzir o homem às pastagens verdejantes e às fontes cristalinas de onde brota a Vida em plenitude.

A imagem do “Bom Pastor” não foi inventada pelo autor do Quarto Evangelho. Literariamente falando, este discurso simbólico está construído com materiais provenientes do Antigo Testamento. Em especial, este discurso tem presente o texto de Ez 34, onde se encontra a chave para compreender a metáfora do “pastor” e do “rebanho”. Falando aos exilados da Babilônia, Ezequiel constata que os líderes de Israel foram, ao longo da história, maus “pastores”, que conduziram o Povo por caminhos de sofrimento, de injustiça e de morte; mas – diz também Ezequiel – o próprio Deus vai agora assumir a condução do seu Povo; Ele irá colocar à frente do seu “rebanho” um “Bom Pastor” (o “Messias”), que o livrará da escravidão e o conduzirá à Vida. A catequese que o 4º Evangelho nos oferece sobre o “Bom Pastor” sugere que a promessa de Deus – veiculada por Ezequiel – se cumpre em Jesus.

De acordo com o Evangelho de João, Jesus teria pronunciado o “discurso do Bom Pastor” (cf. Jo 10) em Jerusalém, em contexto da “festa da Dedicção do Templo” (cf. Jo 10,22). Esta festa (chamada, em hebraico, “Hanûkkah”) celebra a purificação do Templo de Jerusalém (164 a.C.), por Judas Macabeu, depois de o rei selêucida Antíoco IV Epifânio o ter profanado (167 a.C.), construindo um altar em honra de Zeus dentro do espaço sagrado. É a festa da Luz. O símbolo por excelência dessa festa é um candelabro de oito braços (“hanûkkiyyah”). Os braços desse candelabro vão sendo progressivamente acesos, um a um, durante os oito dias que a festa dura. Jesus tinha, pouco antes, curado um cego de nascença, assumindo-se como “a Luz” que veio para iluminar as trevas do mundo (cf. Jo 8,12; 9,1-41).

Apesar do ambiente festivo, a relação entre Jesus e os líderes judaicos é de grande tensão (cf. Jo 9,40; 10,19-21.24.31-39). Depois de ver a pressão que esses líderes colocaram sobre um cego de nascença para que ele não abraçasse a luz (cf. Jo 9,1-41), Jesus denuncia a forma como eles tratam a comunidade: estão apenas interessados em proteger os seus interesses pessoais e usam o Povo em benefício próprio; são, pois, “ladrões e salteadores” (Jo 10,1.8.10), que tomaram de assalto o rebanho que lhes foi confiado e roubam ao Povo a oportunidade de encontrar Vida. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Todos nós temos os nossos heróis, os nossos mestres, os nossos modelos. São figuras que consideramos como referências, figuras que respeitamos e de quem esperamos orientações, figuras cujas opiniões acolhemos e seguimos. Os povos antigos, ainda muito ligados a contextos agrários e pastoris, facilmente designavam uma figura dessas como “o Pastor” (nós hoje utilizamos outras palavras: “presidente”, “rei”, “diretor”, “superior”, “chefe”, “professor”, “guru”). Será que todas essas figuras que admiramos e cujas opiniões seguimos merecem a nossa confiança? Todas elas estarão interessadas no nosso bem?
- O Evangelho deste domingo diz-nos que, para o cristão, o “Pastor” por excelência é Jesus. Ele é a nossa referência; é n’Ele que encontramos vida (“Eu dou-lhes a vida eterna e nunca hão de perecer e ninguém as arrebatará da minha mão”). É em Jesus que devemos confiar, é à volta d’Ele que nos devemos juntar, são as suas indicações e propostas que devemos seguir. O nosso “Pastor” é, de facto, Cristo, ou temos outros “pastores” que nos arrastam e que são as referências fundamentais à volta das quais construímos a nossa existência? Quem é que nos dita os caminhos em que andamos e os valores em que apostamos: Jesus Cristo? O patrão que nos paga o salário? O presidente do nosso partido político? Um qualquer líder da moda ou um qualquer “influencer”? A conta bancária? O comodismo, a instalação, a ambição, o orgulho, a vaidade? Os aplausos dos que nos rodeiam? O triunfo profissional a qualquer custo?
- No cumprimento da sua missão de “Pastor”, Jesus não atua por interesse, mas por amor. Ele não foge quando as ovelhas estão em perigo, mas defende-as e até é capaz de dar a vida por elas; Ele preocupa-se com as suas ovelhas e mantém com cada uma delas uma relação única, especial, pessoal (“Eu conheço as minhas ovelhas”); Ele não se serve das suas ovelhas, mas serve-as e condu-las onde há alimento em abundância; Ele cuida de cada uma delas, particularmente das mais frágeis e necessitadas. Ora, esta forma de atuar de Jesus deve ser uma referência para aqueles que têm responsabilidades na condução e animação da comunidade, quer em âmbito civil, quer em âmbito religioso. Quando somos chamados à missão de presidir a um grupo, de animar uma comunidade, de exercer o serviço da autoridade, cumprimos a nossa missão no dom total, no amor incondicional, no serviço desinteressado, a exemplo de Jesus?
- No “rebanho” de Jesus, não se entra por convite especial, nem há um número restrito de vagas a partir do qual mais ninguém pode entrar. A proposta de salvação que Jesus faz destina-se a todos os homens e mulheres, sem exceção. O que é decisivo para entrar a fazer parte do rebanho de Deus é “escutar a voz” de Jesus, aceitar as suas indicações, tornar-se seu discípulo... Isso significa,

concretamente, ir atrás de Jesus, aderir ao projeto de salvação que Ele veio apresentar, percorrer o mesmo caminho que Ele percorreu, na entrega total aos projetos de Deus e na doação total aos irmãos. Atrevemo-nos a seguir o nosso “Pastor” (Jesus) no caminho exigente do dom da vida, ou estamos convencidos que esse caminho é apenas um caminho de derrota e de fracasso, que não leva aonde nós pretendemos ir?

- O nosso texto acentua a identificação total de Jesus com o Pai (“Eu e o Pai somos um”). Os interesses do Pai são os interesses de Jesus; o projeto do Pai é o projeto de Jesus. A preocupação fundamental de Jesus, desde o primeiro instante do seu caminho entre nós, foi obedecer ao Pai e cumprir o projeto do Pai (“ao entrar no mundo Cristo disse: ‘Eis que venho, ó Deus, para fazer a tua vontade’” – Heb 10,7). Em todos os momentos, em todos os passos, Jesus procurou obedecer ao Pai e cumprir a vontade do Pai. O projeto do Pai passou a ser o projeto de Jesus. Dessa entrega livre, consciente, assumida, resulta vida verdadeira e definitiva para as “ovelhas” que o Pai entregou aos cuidados de Jesus. O exemplo de Jesus convida-nos a aderir, com a mesma liberdade, mas também com a mesma disponibilidade, às propostas de Deus e ao cumprimento do projeto de Deus para nós e para o mundo. Procuramos, como Jesus, discernir a vontade do Pai e obedecer ao projeto que Ele tem para nós, mesmo que isso signifique abandonar os nossos esquemas pessoais, as nossas conveniências, os nossos caminhos particulares? Acreditamos que da nossa obediência ao Pai resultará algo de bom para nós e para os irmãos que caminham ao nosso lado?
- Nas nossas comunidades cristãs, temos pessoas que presidem e que animam, pessoas a quem foi confiado o serviço da autoridade. Podemos aceitar, sem problemas, que elas receberam essa missão de Jesus e da Igreja, apesar dos seus limites e imperfeições. Mas convém igualmente ter presente que o único “Pastor verdadeiro”, aquele que nunca falha, aquele que somos convidados a escutar e a seguir sem condições, é Jesus. Procuremos escutar e acolher, com humildade, mas também com consciência crítica, as indicações que nos são dadas pelos líderes das nossas comunidades; mas não nos esqueçamos de as confrontar, para aquilatar da sua validade, com as indicações que nos foram deixadas por Jesus, o Bom Pastor, o nosso único Pastor. Como nos posicionamos diante daqueles a quem foi confiado, na comunidade cristã, o serviço da autoridade?
- Para que distingamos a “voz” de Jesus de outros apelos, de propostas enganadoras, de “cantos de sereia” que não conduzem à vida plena, é preciso um permanente diálogo íntimo com “o Pastor” (Jesus), um confronto permanente com a sua Palavra e a participação ativa nos sacramentos onde se nos comunica essa vida que “o Pastor” nos oferece. Procuramos manter um diálogo frequente com Jesus, a fim de termos sempre vivas as suas indicações? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

A **primeira leitura** possui algumas palavras mais difíceis e que exigem atenção para uma boa pronúncia: «Perga»; «Antioquia da Pisídia» e «prosélitos». Na proclamação desta leitura, é necessário estar atento ao tom narrativo que ela possui e ao discurso direto que nela está presente e que é constituído pelo discurso de Paulo e Barnabé.

A **segunda leitura** não apresenta nenhuma dificuldade aparente, mas exige atenção na descrição que constitui a primeira parte do texto e na longa intervenção de «*um dos Anciãos*» e que constitui a segunda parte do texto.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)



MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA O LXII DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES (11 de maio de 2025 – IV Domingo da Páscoa) *Peregrinos de esperança: o dom da vida*

Queridos irmãos e irmãs!

Neste LXII Dia Mundial de Oração pelas Vocações, desejo dirigir-vos um alegre e encorajador convite a serdes peregrinos de esperança, doando generosamente a vida.

A vocação é um dom precioso que Deus semeia nos corações, uma chamada a sair de si mesmo para trilhar um caminho de amor e serviço. E cada vocação na Igreja – seja laical, seja ao ministério ordenado, seja à vida consagrada – é sinal da esperança que Deus nutre pelo mundo e por cada um dos seus filhos.

Neste nosso tempo, muitos jovens sentem-se perdidos face ao futuro. Frequentemente vivem na incerteza quanto às perspectivas de emprego e, lá no fundo, experimentam uma crise de identidade que é uma crise de sentido e de valores, que a confusão digital torna ainda mais difícil de atravessar. A injustiça para com os fracos e os pobres, a indiferença do bem-estar egoísta e a violência da guerra ameaçam os projetos de vida boa que cultivam no seu íntimo. Contudo, o Senhor, que conhece o coração do homem, não nos abandona na insegurança; pelo contrário, quer suscitar em cada um a consciência de ser amado, chamado e enviado como peregrino de esperança.

Por isso, nós, membros adultos da Igreja, especialmente os pastores, somos convidados a acolher, discernir e acompanhar o caminho vocacional das novas gerações. E vós, jovens, sois chamados a ser nele protagonistas, ou melhor, coprotagonistas com o Espírito Santo, que suscita em vós o desejo de fazer da vida um dom de amor.

Acolher o próprio caminho vocacional

Queridos jovens, «a vossa vida não é “entretanto”; vós sois o *agora* de Deus» (Exort. ap. pós-sinodal *Christus vivit*, 178). É necessário tomar consciência de que o dom da vida exige uma resposta generosa e fiel. Olhai para os jovens santos e beatos que responderam com alegria à chamada do Senhor: Santa Rosa de Lima, São Domingos Sávio, Santa Teresa do Menino Jesus, São Gabriel de Nossa Senhora das Dores, os Beatos – que em breve serão Santos – Carlo Acutis e Pier Giorgio Frassati, e muitos outros. Cada um deles viveu a vocação como um caminho para a felicidade plena, na relação com Jesus vivo. Quando escutamos a sua palavra, o nosso coração arde (cf. *Lc* 24, 32) e sentimos o desejo de consagrar a vida a Deus! Desejamos, por isso, descobrir de que modo, em que forma de vida é possível retribuir o amor que Ele primeiro nos dá.

Toda a vocação, sentida na profundidade do coração, faz germinar uma resposta como impulso interior ao amor e ao serviço, como fonte de esperança e caridade e não como busca de autoafirmação. Vocação e esperança entrelaçam-se, portanto, no projeto divino pela alegria de cada homem e mulher, todos eles chamados em primeira pessoa a oferecer a sua vida pelos outros (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 268). São muitos os jovens que procuram conhecer o caminho que Deus os chama a percorrer: alguns constataam – muitas vezes com surpresa – a vocação ao sacerdócio ou à vida consagrada; outros descobrem a beleza da chamada ao matrimónio e à vida familiar, bem como ao empenho pelo bem comum e ao testemunho da fé entre colegas e amigos.

Toda a vocação é animada pela esperança, que se traduz em confiança na Providência. Com efeito, para o cristão, ter esperança é mais do que um simples otimismo humano: é antes uma certeza enraizada na fé em Deus, que age na história de cada pessoa. E, deste modo, a vocação amadurece através do compromisso quotidiano de fidelidade ao Evangelho, na oração, no discernimento e no serviço.

Queridos jovens, a esperança em Deus não engana, porque Ele guia os passos de quem a Ele se entrega. O mundo precisa de jovens peregrinos de esperança, corajosos em dedicar a sua vida a Cristo, cheios de alegria por serem seus discípulos-missionários.

Discernir o próprio caminho vocacional

A descoberta da própria vocação passa por um caminho de discernimento. Este percurso nunca é solitário, mas desenvolve-se no seio da comunidade cristã e com ela.

O mundo, queridos jovens, induz-vos a fazer escolhas precipitadas e a encher os dias de barulho, impedindo a experiência de um silêncio aberto a Deus, que fala ao coração. Tende a coragem de parar, de escutar

dentro de vós e de perguntar a Deus o que Ele sonha para vós. O silêncio da oração é indispensável para “interpretar” a chamada de Deus na própria história e para dar uma resposta livre e consciente.

O recolhimento permite compreender que todos podemos ser peregrinos de esperança se fizermos da nossa vida um dom, especialmente ao serviço daqueles que habitam as periferias materiais e existenciais do mundo. Quem se põe a escutar Deus que chama não pode ignorar o grito de tantos irmãos e irmãs que se sentem excluídos, feridos e abandonados. Cada vocação abre para a missão de ser presença de Cristo onde mais se sente necessidade de luz e consolação. Em particular, os fiéis leigos são chamados a ser “sal, luz e fermento” do Reino de Deus, através do empenho social e profissional.

Acompanhar o caminho vocacional

Nesse horizonte, os agentes pastorais e vocacionais, especialmente os conselheiros espirituais, não tenham medo de acompanhar os jovens com a esperançosa e paciente confiança da pedagogia divina. Trata-se de ser para eles pessoas capazes de escuta e respeitosa acolhimento; pessoas em quem podem confiar, guias sábios, disponíveis para os ajudar e atentos a reconhecer os sinais de Deus no seu caminho.

Exorto, portanto, a que se promova o cuidado da vocação cristã nos vários campos da vida e da atividade humana, favorecendo a abertura espiritual de cada pessoa à voz de Deus. Para este fim, é importante que os itinerários educativos e pastorais contemplem espaços adequados para o acompanhamento das vocações.

A Igreja precisa de pastores, religiosos, missionários e esposos que, com confiança e esperança, saibam dizer “sim” ao Senhor. A vocação nunca é um tesouro que fica fechado no coração, mas cresce e fortalece-se na comunidade que crê, ama e espera. E como ninguém pode responder sozinho à chamada de Deus, todos temos necessidade da oração e do apoio dos nossos irmãos e irmãs.

Caríssimos, a Igreja é viva e fecunda quando gera novas vocações. E o mundo, muitas vezes inconscientemente, procura testemunhas de esperança que anunciem com a vida que seguir Cristo é fonte de alegria. Por isso, não nos cansemos de pedir ao Senhor novos operários para a sua messe, certos de que Ele continua a chamar com amor. Queridos jovens, confio o vosso seguimento de Jesus à intercessão de Maria, Mãe da Igreja e das vocações. Caminhai sempre como peregrinos de esperança no caminho do Evangelho! Acompanho-vos com a minha bênção e peço-vos que rezeis por mim.

Roma, Hospital Gemelli, 19 de março de 2025.

FRANCISCO